

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empresa Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffite, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de port)	} Anno	Fr.	14 »	
			} Semestre	7.50
				} Numero avulso
Pagamento adiantado				

ENTREVISTA

com

S. M. EL-REI D. MANUEL II

(Continuado do n.º 16)

QUAS tem feito tudo no sentido de as agravar. A legislação insensata, elaborada com a mais radical ignorancia dos phenomenos economicos e das suas leis, os desastres economicos e financeiros que tem desencadeado, a sua hostilidade declarada contra todos os fautores da riqueza publica, as proprias palavras levianas, porventura inconscientes mas tão excessivamente repetidas, dos politicos que ali exercem a função d'estadistas — tudo isto traduzindo-se na paralyzação do trabalho, na desvalorizaçáo da propriedade, no justificado retrahimento do capital, desassocegado e incerto do dia d'amanhã, no depauperamento das forças productoras, em absurdos e exhaustivos augmentos d'impostos e no encarecimento geral da vida — é de molde a lançar as camadas mais desprotegidas n'uma situação d'angustiosa miseria que pode gerar todos os desesperos.

Considerando a par d'isto a effervescencia revolucionaria, sem objectivo determinado, que a Repu-

blica tem cuidadosamente alimentado no seio das multidões — porque os governos republicanos sabem muito bem que o seu regimen não pode subsistir senão no estado de violencia e enquanto esta durar — deprehende-se que a questão social se nos apresentará amanhã sob um aspecto bem mais difficil e melindroso do que antes da tormenta republicana. Para tratar d'um mal é preciso reconhecê-lo em toda a sua intensidade.

Em todo o caso — concluiu S. M. com um tom muito peremptorio — este problema não pode deixar de ser um dos que constituam as maximas preoccupações da Monarchia quando reintregada no governo da Nação; e n'outros povos monarchicos, não só n'esta Inglaterra tão naturalmente democratica, temos exemplos e experiencias que nos inspirem, evidentemente com as modificações exigidas pelas circumstancias especiaes do paiz, sobretudo pelas condições difficeis do Thesouro.



A questão financeira no presente e no futuro — V. M. acaba d'alludir a uma questão que é exactamente d'aquellas que os portuguezes encaram com mais vivas apprehensões : a questão de Fazenda. Deixará ella, depois de restaurada a Monarchia, de constituir como agora o pesadello de todos quantos se preocupam com os incertos destinos do paiz?

El-Rei meditou um instante a sua resposta — e nós aproveitamos esse momento de silencio para reflectir... que um caudilho revolucionario, em circumstancias analogas, não teria hesitado em prometter ao jornalista um diluvio d'oiro, logo no dia seguinte ao do triumpho.

O Senhor D. Manuel observou, n'aquelle tom ponderado e seguro que imprime ás suas palavras um tão insinuante poder de persuasão :

— O que é verdade é que logo o facto da restauração da Monarchia implicará necessariamente uma redução muito importante das despesas actuaes.

Sem que os serviços publicos tenham melhorado, bem ao contrario; sem que a defesa nacional esteja melhor preparada; sem que a causa da instrução tenha recebido quaesquer beneficios na organização ou no material; sem que reformas sociaes tenham absorvido recursos do Estado; sem que se realisassem trabalhos de fomento economico; sem que se construissem, ou reparassem sequer, portos, docas, vias ferreas, estradas, obras d'irrigação; sem que o funcionalismo publico se encontre melhor remunerado; emfim, sem nenhum proveito visivel para o paiz no seu conjuncto ou em qualquer das suas classes, o certo é que as despesas publicas cresceram espantosamente desde o estabelecimento da Republica. Gasta-se mais, devemos mais, a circulação fiduciaria augmentou inconsideradamente e os governantes vêem-se forçados a recorrer a uma tributação extenuante, repetindo funestamente o desacerto do homem da fabula, que matou a gallinha dos ovos d'oiro.

O que isto significa é que todo esse injustificado excesso de despesas resulta da Republica — das suas necessidades proprias, dos seus processos, dos interesses privados a que ella tem de satisfazer e da incompetencia administrativa do seu pessoal dirigente e da sua burocracia adventicia. Portanto, os dispendios que nasceram com a Republica e lhe são inherentes, acabarão ao mesmo tempo que ella. Como se sabe, só esta verba attinge uma cifra que no nosso orçamento é muito consideravel.

O que não poderá todavia remediar-se tão promptamente são os damnos já causados pela administração republicana á situação financeira do paiz.

Sob a Monarchia, esta situação não era desembaraçada, mas tambem não dava azo a grandes apprehensões. Tinha passado o periodo do seu aggravamento — em grande parte justificado pelas necessidades, imprescindiveis do fomento, pois os governos monar-

chicos, desde 1850 para cá, isto é, n'um espaço de 60 annos, tiveram que dar ao paiz o que lhe faltava em civilisação material, em commodidades, em meios de communicação e em instrumentos de trabalho, e que era tudo por assim dizer. Os adversarios do regimen monarchico falam muito na divida legada pelo nosso constitucionalismo, mas não fazem o balanço dos melhoramentos materiaes e reproductivos com que foi preciso dotar apressadamente um paiz que, saindo d'um longo e tormentoso periodo de guerras e devastações, desde as invasões francezas até ao termo das luctas civis, despertava d'esse pesadello no meio d'um mundo transformado por mil novas conquistas do progresso.

Em pouco mais de dois annos de governo republicano os novos encargos criados a Portugal teem sido n'uma proporção bem mais avultada do que aquelles que contrahiu o regimen monarchico constitucional; véremos, ao finalisar esta aventura, quaes são os beneficios materiaes que a Republica deixa ao paiz em compensação dos sacrificios que lhe exigiu.

Entretanto, o movimento da nossa regeneração financeira era sensivel nos annos precedentes ao successo de 1910. Não é segredo para ninguem, porque é hoje um facto officialmente documentado, que o governo revolucionario encontrou o Thesouro em condições de relativo desafogo. Nenhum perigo financeiro nos ameaçava. Se alguns erros e abusos se tinham commettido — e não conheço paiz em cuja administração elles não se commettam — a tendencia geral era para os corrigir. Emfim; a questão financeira, sem deixar de ser uma questão nacional do mais alto interesse, não tinha a gravidade d'uma ameaça permanente á fortuna, ao credito, á honra e ao futuro da nação.

E por outro lado, como o progresso economico do paiz era incontestavel e constante, a situação financeira, que o reflecte desde que a administração seja cuidadosa, tendia por isso mesmo para uma correlativa melhoria.

A Republica poderia ter aproveitado a sua excepcional posição de governo revolucionario, de governo de força, para tornar ainda mais desafogadas as condições do erario, restringindo certos gastos e adoptando certas providencias que um governo normal, como eram os governos monarchicos, tem muito maior difficuldade em pôr em pratica. O contrario porem é que succedeu. Essa força discrecionaria que as circumstancias lhe outorgaram, tem-na o regimen revolucionario utilizado para augmentar prodigiosamente as despesas e os encargos da Fazenda, em beneficio d'interesses que não são certamente os do paiz.

E não ha perspectivas, por mais aterradoras, que o detenham n'este caminho. No fim do ultimo anno a divida fluctuante excedia 91 mil contos, e uma das ultimas situações semanaes do Banco de Portugal dá a circulação fiduciaria em quantia superior a 85 mil e seiscentos contos.

Todavia, não só persistem os exorbitantes dispendios anteriores, mas incessantemente a Republica imagina outros novos, como se as circumstancias financeiras do paiz fossem brilhantes.

Nós faziamos uma administração mais *pot-au-feu*. Não tínhamos as magnificentes commissões de serviço que a Republica outorga, os ordenados esplendidos com que pemeia alguns dos seus servidores, mas tambem quando, por exemplo, a circulação fiduciaria se approximava de 70 mil contos os ministros da Fazenda apertavam as mãos na cabeça e não pensavam senão nos meios de a reduzir sem demora a proporções mais modestas.

— Parece então a V. M. que a situação financeira do paiz é sem esperanza?

— Abstenho-me de lhe dizer o que penso da questão financeira portugueza no caso que o governo republicano subsistisse ali com demora. Restaurada porém a Monarchia, conseguida desde logo e por esse facto a importante redução de despesas a que já alludi, coarctados os abusos e desperdicios que o governo republicano não quer nem poderia já impedir, entre-

gues de novo a uma burocracia competente a gerencia e a fiscalização dos dinheiros publicos, confio em que os governantes monarchicos, que tinham encaminhado o paiz para a regeneração financeira, poderão continuar a sua obra, embora lhes seja necessario vencer as difficuldades novas, criadas pelo desvaivamento da administração republicana.

Creio que a Restauração, por isso mesmo que ha-de entrar no paiz com força e com prestigio, poderá immediatamente adoptar, sem ferir quaesquer interesses respeitaveis, as medidas que as condições de Thesouro impoem.

Uma prudente e avisada politica financeira deverá fazer o resto, sem esquecer que as reformas de fomento economico, e principalmente de fomento agricola, indispensaveis no paiz, devem ter na nossa situação financeira uma repercussão benefica e profunda.



Questões Quizemos então aproveitar estas ul-
economicas. Um timas palavras de Senhor D. Manuel
grande plano II para obter da benevolencia de S. M.
d'El-Rei alguns esclarecimentos mais amplos
sobre o papel exercido por El-Rei
na tentativa de resurgimento economico, que se estava
realizando no paiz com os mais felizes augurios,
quando intercorren a nefasta aventura republicana.

Por mais que se fale da atmospheria de lisonja, que dizem cercar os Reis, certo é que não existem muitas coisas tão difficeis como apurar com relativa exactidão até que ponto elles influem beneficemente no governo do Estado. Ha muito quem proclame os seus erros suppostos ou reaes ; mas a sua obra util é em geral occultada simultaneamente pelos seus inimigos, em nome d'um interesse muito comprehensivel... e pelos governantes em nome d'uma vaidade que não está menos no fundo da pobre natureza humana.

O Senhor D. Manuel II tem sido n'este particular,

e até certo ponto, mais feliz do que outros Monarchas. O seu interesse, por exemplo, pelas questões que se prendem com a economia de paiz era conhecido já antes da revolução republicana.

Depois d'ella, o antigo e illustre ministro das Obras Publicas, snr. D. Luiz de Castro, no seu volume *Credito Agricola Democratico*, publicado em 1911, veio declarar, com uma isenção que lhe faz honra, que algumas das suas notaveis medidas de fomento só poderam vingar devido á intervenção do Chefe de Estado. E um economista dos mais auctorizados da Europa, e tambem dos mais insuspeitos, o Dr. Léon Poinard, escreve em appendice á sua obra famosa *Portugal Inconnu* :

« Já que as circumstancias permittiram que nos
« approximassemos d'elle no momento em que podia
« considerar-se senhor do futuro, julgamos ser para
« nós um dever constatar e declarar firmemente aqui
« que o espirito de D. Manuel II era animado das
« melhores intenções e do mais vehemente desejo
« de exercer intelligentemente e com utilidade para
« o paiz as suas elevadas funções de Rei. Tomára
« grande e directo interesse pelos nossos estudos
« sobre Portugal e empenhava-se em conhecer-lhes
« promptamente o resultado. Tivemos de responder
« minuciosamente a uma serie de perguntas redi-
« gidas pelo seu proprio punho e que denotavam uma
« intelligencia muito viva e uma precoce circums-
« pecção de espirito pouco vulgar na sua idade.

« Se lhe faltou o tempo para fazer alguma coisa que
« se visse, se as circumstancias foram particularmente
« adversas e duras para este joven principe, impende-
« nos o dever de lhe fazermos a justiça devida e não
« devemos lançar sobre elle responsabilidades que a
« outros pertencem.

« Tanto as suas infelicidades como a sua boa-vontade devem conciliar-lhe as sympathias geraes. »

Estimulado por estes depoimentos, beneficiamos pois d'um silencio de El-Rei para observar :

— V. M. disse ha pouco que o mesmo grupo de

pessoas que trabalhava com El-Rei nas obras sociaes tratava tambem de questões de fomento.

— Preocupavamo-nos sobretudo de questões que se prendiam com o progresso da agricultura, o melhoramento das suas condições e dos seus processos. Por exemplo, iamos promptamente iniciar no sul as escolas agricolas ambulantes. O methodo era muito engenhoso e impressionante, porque se pensava em cada região, no meio d'uma cultura rotineira, tratar umas leiras de terra pelos processos agricolas mais modernos. O contraste entre os resultados d'uma e da outra cultura era a lição pratica mais frisante e decisiva que se podia dar aos lavradores.

Mas o nosso grande projecto era o das obras d'irrigação. É inutil querer resolver em Portugal, d'uma forma definitiva, o problema agricola, sem resolver o da irrigação, que é fundamental e condiciona inludivelmente aquelle. Era pois n'esse sentido que se dirigiam os nossos esforços. Um dos poucos projectos que não figuram entre os que ficaram nas Necessidades, e que fôram numerosos, está aqui: é exactamente o das obras d'irrigação, elaborado por autoridades americanas muito competentes.

E El-Rei, erguendo-se, foi com a sua habitual affabilidade buscar entre os seus papeis um maço volumoso, que contém um projecto completo d'irrigação do paiz, com os respectivos estudos detalhados, relatorios, orçamentos, cadernos d'encargos. Mas enquanto eu o passava pelos olhos, S. M. ia citando decôr os seus topicos, as suas conclusões principaes, as suas cifras.

A memoria d'El-Rei — a legendaria memoria dos Braganças — é com effeito prodigiosa, e comprehende-se como lhe seja um inestimavel auxiliar para o surpreendente conhecimento que S. M. tem das coisas publicas.

Este juvenil Monarcha, que ha cinco annos subiu inesperadamente ao throno, conhece os homens e os episodios da politica constitucional, nos seus mais

insignificantes pormenores, como se em tudo se tratasse de coisas e pessoas de seu reinado.

Ouve-se El-Rei falar, com uma grande abundancia de detalhes, do incidente parlamentar que deitou abaixo tal ministro. E tem-se a principio a impressão de que foi um ministro do sr. Wenceslau de Lima, ou do sr. Campos Henriques. Não : trata-se de Barjona, de Saraiva de Carvalho ou de Rodrigues Sampaio.

Refere o Senhor D. Manuel passo a passo certa diligencia diplomatica junto do Quai d'Orsay, o que disse o representante de Portugal, o que lhe responderam, que difficuldades encontrou, como se decidiu a questão. Foi o sr. Conde de Sousa Rosa? Não : foi um ministro plenipotenciario do Senhor D. Luiz I!

E assim como S. M. é uma chronica viva da politica do seu paiz, do mesmo modo é licito dizer sem irreverencia, que El-Rei poderia ser o secretario geral de todas as repartições do Estado : o Senhor D. Manuel conhece com effeito toda a legislação que as rege, citando-a sempre que vem a proposito, e sabe precisamente o estado de todas as questões d'administração em que se fala. Um Chefe d'Estado possuidor d'estas facultades é o mais precioso collaborador dos seus ministros.



Notando o enthusiasmo com que o Senhor D. Manuel se referia ao projecto realmente gigantesco da irrigação artificial de paiz, que faria só por si a gloria do Rei ou do estadista que a levasse a cabo, não podemos furtar-nos a murmurar :

E'deploravel, meu Senhor, que todo esse conjunto d'esforços se tenha inutilisado no meio d'um vendavel politico !...

— Inutilisado, não — corrigiu El-Rei — E' uma obra a proseguir, essa do nosso resurgimento economico.

Imagino que todo o trabalho dos dirigentes, no sentido d'imprimir á vida economica de Portugal o

desenvolvimento que elle póde e merece ter, deverá obedecer a um plano geral, sensato, pratico, exequivel, mas completo e harmonico ; e este por seu turno tem como condição um conhecimento aprofundado, consciante e minucioso das condições economicas e sociaes do paiz, em toda a sua melindrosa complexidade.

Foi com este pensamento que nós promovemos a ida a Portugal do Dr. Léon Poinard, economista e sociologo eminente, e pessoa auctorisadissima não só pela sua alta competencia scientifica mas ainda porque, como estranho ao paiz, estava por isso mesmo isento de todas as preocupações d'escola, de todos os preconceitos da tradição e da rotina que pudessem perturbar a calma e a imparcialidade das suas observações.

Chamámol-o como se chama om edico á cabeceira d'um doente, para diagnosticar o mal e lhe prescrever o tratamento. Os seus estudos, que estão em parte publicados, eram destinados a servir de base a todo o nosso trabalho ulterior.

Embora sejam incalculaveis os damnos causados á nossa economia publica pelo governo republicano, cuja obra é n'isto como em tudo mais verdadeiramente vandálica, cumpre ter fé no paiz, cujos admiraveis dotes de laboriosidade tenaz e intelligente lhe tem permittido sobreviver a outras catastrophes e resarcir-se dos seus effeitos.

Deixe afastar-se, com a Republica, a tormenta politica que vinha pesando ha muitos annos na nossa atmospha nacional, e verá como o paiz entra depressa n'uma convalescença que deve ser o prenuncio do seu rejuvenescimento.

O portuguez, subtrahido ás suggestões maléficas a que o temperamento meridional é alias tão accessivel, torna-se logo um soberbo exemplo d'energia, de fecundo trabalho e de bom senso. Tal é o caso da nossa admiravel colonia no Brasil.

Veja que esplendida obra ella realisa e como tem o sentimento claro das conveniencias politicas da nação, como vê nitidamente os nossos destinos historicos, e

com que lealdade, com que intransigencia, com que austeridade, com que inabalavel fé patriótica os serve !

Nunca por certo, a constituição economica da nação foi tão violentamente atacada nos seus órgãos vitaes, de maneira directa e indirecta, como o tem sido pela ousada incapacidade do governo que existe em Portugal. Mas as sociedades teem quasi sempre uma capacidade de resistencia a estes golpes, alem de tudo quanto se prevê. Confiemos em que o paiz retome posse da sua vontade e dos seus destinos antes que o regimen actual lhe suffoque o ultimo sopro de vida.

E então cumprirá a todos os bons portuguezes, desde o Rei ao cidadão mais obscuro, dedicarmo-nos á obra de reconstrução nacional com o fervor, a paixão, o cuidado absorvente com que se entrega á reconstituição da sua fortuna o commerciante ou o industrial arruinado por um incendio, por uma guerra, por um qualquer desastre tremendo e imprevisito.

A Monarchia — Demais, o restabelecimento economico do paiz virá com a restauração da ordem e da lei, com a reintegração dos cidadãos no gozo dos seus direitos publicos e privados, com a paz material e a paz dos espiritos que só podem ser asseguradas pela Monarchia. A questão politica, que é a origem de toda a presente perturbação da vida nacional, não póde desaparecer sob a Republica desde que esta se encontra sobreposta a um paiz monarchico — e sem falarmos mesmo dos processos por que ella pretende impôr-se. Mas essa questão desaparecerá com a Monarchia, desde que esta é o regimen natural do paiz, e desde que por outro lado a experiencia republicana, decepcionando os que estavam illudidos, não deixa de si no paiz senão uma memoria d'oppressões, de horrores, de miseria, de lucto e de sangue.

Não é uma minoria de revolucionarios a todo o transe que poderá sob o regimen monarchico per-

turbar de facto a tranquillidade nacional, logo que deixaram d'existir todos os pretextos para conceder á sua propaganda e aos seus actos os favores extralegaes do tempo antigo. E como estes não podem nem devem continuar, essa propaganda é inane.

Algumas Como solicitassemos da benevo-
palavras sobre lencia de El-Rei as suas impressões
o dominio sobre o que incessantemente se es-
colonial creve na imprensa europeia e o muito
mais que consta relativamente ao
nosso dominio colonial, S. M. tomou de subito uma
attitude reservada e disse, com manifesto desejo de
poupar as suas palavras :

— Dos povos que originariamente se entregaram aos descobrimentos e á conquista, houve um só que conservou até agora a sua situação de grande potencia colonial. Foi exactamente o mais reduzido em territorio metropolitano, o que menos elementos de força possuía para entre as nações impôr a sua vontade e os seus direitos : foi Portugal.

Este prodigio realisou-o o nosso palz com a Monarchia, e desvaneço-me de que a politica externa da casa de Bragança tenha collaborado n'elle, auxiliando a obra dos guerreiros, dos administradores e dos diplomatas.

Os factos dirão se a Republica conserva até o fim o nosso imperio colonial, tal como o encontrou ao tomar conta do poder...

(Continua)

ANNIBAL SOARES.